

43º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

SPG06 Corpos, narrativas e regimes de visibilidade

Título: Descolonização Corpográfica em Havana: corpos e cidades coloniais

Autor: Lourival Aguiar Teixeira Custódio

Resumo¹

Este trabalho apresenta uma análise das experiências urbanas encontradas em alguns bairros de Havana, a partir de entender como as categorias topofilia e topofobia são experimentadas pelos cidadãos. Os sentimentos de topofilia e topofobia estão relacionados não apenas com as experiências de vida positivas ou negativas vividas pelos cidadãos, mas também em como seu corpo sente essa relação com o espaço. Partindo de um método corpográfico, quero entender quais corpos se sentiam confortáveis em espaços entendidos como perigosos ou desconfortáveis, ou como é utilizado pelos cidadãos como categoria da prática, *barrios malos*. Pensar essa relação de corpos com a cidade, também envolve pensar junto com Frantz Fanon e Aníbal Quijano as questões de corpo e cidade colonial e descolonização (respectivamente). Pensar a antropologia desde o prisma das experiências corporais proporcionadas pela cidade é o objetivo deste trabalho.

Palavras-chave: Havana, Antropologia Urbana, Corpografia, Cidade Colonial, Descolonização.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Introdução

Em uma praça da região central de Havana, Lázaro, um jovem negro de pele retinta, roupas justas no melhor estilo dos jovens de Havana e um olhar penetrante, encara o imponente hotel *Habana Libre*. Ele anseia em conversar com o “turista” ao lado, uma vez que a abordagem inicial, que era me pedir fogo para seu cigarro e em seguida perguntar se gostava de meninos ou meninas, havia falhado. Sentado, ele olhava para o Hotel, que é um dos símbolos da Revolução Cubana (o hotel se tornou icônico por ter abrigado Fidel Castro e Che Guevara na suíte 2324, durante os três meses de planejamento da revolução de 1959) e, entre uma tragada e outra de cigarro, anuncia, de maneira direta que “Este país é racista. Não existe espaço para negros aqui. A pessoa mais influente da Assembleia [Legislativa de Cuba, Esteban Lasso] é um homem negro, mas elegemos um presidente branco. A cara de Cuba não pode ser uma cara negra”. Pergunto sobre o que ele faz, e ele me responde que era enfermeiro, mas que se encontrava desempregado, tendo que ajudar sua avó com as contas. Como forma de compor a renda, saí nas ruas “a buscar”. Naquele momento ele estava exercendo uma função que entendi como mista entre michê e gigolô: se o turista estivesse buscando uma mulher, ele indicava uma casa em que poderia encontrar moças por \$5 CUC a hora e caso estivesse buscando um rapaz ele estaria a disposição. Essa parte ele não precisou me contar. Ficamos olhando o hotel, que rasgava o céu com seu letreiro azul, empoeirado e com uma letra faltando. O silêncio pareceu durar uma eternidade. Ele pergunta se quero um trago, que gentilmente nego. Mesmo com pouco, o perfil cubano de sempre *compartir* segue presente.

Lázaro acende um novo cigarro. Com mais intensidade dá uma baforada e se encosta-se ao banco. “Está vendo este hotel?” - diz ele enquanto aponta para o Habana Libre – “Meus pais nunca se hospedaram aí e eu também não. A maioria dos cubanos vai morrer sem passar um dia hospedado no principal hotel da cidade. Eles dizem que ‘Havana é livre’, mas ela é livre para quem?”. Eu não voltei a ver Lázaro nos meses que passei em Havana. Mas essa frase seguiu me assombrando durante toda minha viagem. Voltei à praça outras vezes para tentar encontra-lo, e continuar a conversa, mas foi em vão. Ouvi-lo me fez pensar duas coisas: primeiro que, em sua percepção, havia uma diferença no tratamento entre negros e brancos na ilha, que se reproduzia na falta de oportunidades e, principalmente, de acesso dos negros aos espaços. Segundo, que aliado a isso, havia uma

marcante desigualdade na ilha, que interdita a experiência que podem ser vividas pelos cidadãos. Um turista possui mais liberdade em Cuba do que os próprios cubanos. Desta forma, ser negro e cubano era ser duplamente prejudicado: é ter um corpo que enuncia sempre o tratamento que você vai receber.

Esse questionamento não é uma novidade. Diversos autores que estudam as relações raciais em Cuba, como Fernadno Ortiz (1940a, 1940b) Sawyer (2006), Nadine Fernandes (2010), Rodrigo Espina Pietro e Pablo Rodrigues Ruiz (2006), Roberto Retamar (2000) Tomás Fernandes Robaina (1990, 2012) e Zuleica Romay (2014), apresentam pesquisas sobre a desigualdade racial em Cuba mesmo após a Revolução de 1959. Cada um desses autores irá trabalhar, através de perspectivas próprias, com a problemática da manutenção de um tipo de racismo em Cuba, mesmo após a declaração de sua extinção, em 1962, por Fidel Castro. Para Rodrigo Espina Pietro e Pablo Rodrigues Ruiz (2006), que pesquisam as relações raciais em Cuba nos dias atuais, mesmo a maioria da população assumindo uma postura de negação do racismo, o tipo de racismo praticado na ilha se manifesta, segundo eles, através de um “*racismo de pero*”, no qual sempre aparecerá uma justificativa para uma atitude racista antecedida pela frase “No soy racista, pero...”. Segundo Ruiz e Pietro

“Las manifestaciones racistas que pervivieron se vieron en la necesidad de replegarse, adoptando cada vez más la forma de un racismo de «pero». Se trata de la expresión de formas de racismo escondidas en un discurso de igualdad que se apropia de los espacios de poder. Es, por tanto, un racismo replegado que asume este discurso, pero lo condiciona.”

Esta forma de racismo pode ser entendida como uma maneira de escamotear uma persistência do racismo estrutural em Cuba através dos diferentes governos, mostrando uma capacidade adaptativa do racismo em si. Tomás Fernandez Robaina (1941-), que é um dos maiores estudiosos da cultura cubana de matriz africana, denominada por Fernando Ortiz como *afrocubana*², irá nos mostrar em seu livro *El negro em Cuba* (2012) como, apesar dos esforços oficiais do governo cubano após a Revolução (como a extinção das leis segregacionistas e posteriormente uma política de representatividade étnica no

2 O termo afrocubano tornou-se reconhecido através das obras de Fernando Ortiz (1881-1969), principal etnógrafo cubano, que reconhecia a formação da cultura cubana como influenciada pela cultura africana, o que desenvolveu uma forma cultural nova.

governo), a questão racial foi tratada de maneira superficial, o que levou à manutenção de determinadas estruturas sociais racistas em Cuba.

Ao ouvir Lázaro, uma coisa chamou a minha atenção: em seu depoimento reside uma concepção de racismo ligado ao acesso dos negros a determinados espaços. Acessar determinado lugar faz com que as relações (raciais no caso analisado) se permitam menos desiguais. Lázaro olha para o hotel Habana Livre e pensa que, simbolicamente, ter condições de se hospedar nele vai lhe trazer a sensação de ser livre em seu país. Mas como pode ser entendida essa sensação de liberdade? Que lugar é esse ao qual não se pertence?

Para ser possível entender essas relações, precisamos olhar para Havana mais de perto. A capital de Cuba é uma cidade impressionante, uma vez que congrega diferentes estilos arquitetônicos, uma história impressionante, possui uma produção cultural viva e oferece diversificadas experiências urbanas. Suas ruas estreitas, fachadas de antigas, os carros de 1950 que colorem as ruas e uma constante musicalidade que te acompanham pelas ruas são características marcantes da cidade, que aliados aos monumentos e história, que é recontada em cada esquina, invocam importantes figuras dessa história.

Havana foi considerada, durante os séculos XVIII e XIX a principal cidade colonial do Caribe. Sua importância econômica, alavancada por sua localização geográfica, possibilitou que esta cidade se tornasse uma grande metrópole e capital de Cuba, desenvolvimento este que se deu principalmente através da exploração do trabalho de negros escravizados. Porém, este desenvolvimento não afetou somente a constituição da riqueza em Havana, mas também determinou suas características urbanísticas, na produção de uma cidade para a nobreza (que foi transferida depois da independência para burguesia *criolla*³) e de outra para as classes empobrecidas. Essa divisão em Havana passou, em grande medida, por uma segregação racial, o que posteriormente levou a uma discriminação racial relacionada com uma determinada formação espacial e urbana (Espina Pietro e Rodrigues Ruiz, 2006).

Alfredo José Espada (2008, p.16), descreve em seu livro *Havana, Autobiography of a city* como “*Havana is a time machine that propels you into the past [...] As in a few*

³ Esse termo é utilizado para designar descendentes de espanhóis que nasceram na ilha, e devido ao acesso e reconhecimento de uma “herança” europeia formaram uma burguesia local.

cities, this history reveals itself in the sun baked streets of Havana". Ao apresentar isso, Espada nos apresenta a cidade que guarda uma conexão muito intensa com o passado, que é transmitido pelos fortes elementos históricos presentes na paisagem urbana. Para Espada, o período especial possibilitou que o potencial da cidade fosse compartilhado com o mundo, fazendo com que Havana voltasse a ser um importante ponto turístico, assim como era antes da Revolução. Essa abertura ao turismo, prática que foi interrompida durante os primeiros quarenta anos da revolução, foi a saída encontrada pelo governo para aplacar a crise financeira gerada pelo fim da união soviética. "Período especial", foi a ocasião em que foram implementadas estratégias para lidar com a escassez de comida e recursos em Cuba durante os anos de 1990. Quando a cidade se abre para o turismo, os cidadãos não mais conseguem praticá-lo como atividade de lazer, uma vez que passam a não ter acesso a determinados lugares de Havana.

Porém, Espada aponta para um outro problema referente a esse processo: a necessidade de restauração dos prédios antigos para o turismo. Essa prática fez com que, em sua opinião, os moradores pobres e de pele escura da região central de Havana tivessem que se mudar para regiões mais afastadas. O turismo, que transforma essas residências antigas em hotéis, mobiliza um forte processo de gentrificação, especialmente em Habana Vieja e Centro Habana, que Espada (2018, p.57) dará destaque a partir da crítica do historiador Eusébio Leal, ao chamar Havana de "uma Disneylândia colonial para os turistas". Quando Havana evoca o passado, através de sua arquitetura e constante resgate de um passado glorioso, também traz consigo problemas do passado, como uma relação de dependência do capital estrangeiro.

Cuba, apesar de ser vista internacionalmente como um lugar de maioria negra (como revela qualquer pesquisa na internet cultura cubana), a ilha é um país multirracial, de maioria autodeclarada branca. Em Havana, o último censo, realizado em 2012⁴, releva que 58,4% da população cubana se autodetermina branca, enquanto o 41,6% restante se reivindica negro (15,2%) e mestiço/ mulato (26,4%). Segundo o mesmo estudo, podemos notar que na capital cubana a proporção de negros ou mestiços nos municípios de Havana tende a ser maior nos mais antigos da cidade. Lugares como Centro Habana e Habana

4 CENSO 2012. Población por color de la piel según provincias y municipios. Oficina de Estadística e Información. Consultado em 3 de agosto de 2019. Este censo funcionou através da auto declaração

Vieja, que apesar de serem grandes centros de atividades turísticas, possuem maior grau de deterioração urbana, são reconhecidos pela forte presença de elementos da cultura afrocubana, como escolas de salsa, espaços culturais como a Casa de África e a Casa da Cultura *Yorubá*, o *Callejón de Hamel*, diversos bares de rumba, a casa da cultural Hip Hop, a casa cultural *La madriguera*, etc. Curiosamente estes municípios (como são chamados localmente essas macro regiões), além de alguns outros que abordaremos posteriormente, possuem bairros popularmente chamados de *barrios malos* em Havana.

Ao andar pela cidade e conversar com moradores de diferentes bairros, sempre aparecia um temor sobre estar em determinados bairros e regiões da cidade. Sempre que eu lhes perguntava sobre lugares bons ou ruins para se viver⁵, as respostas que mais apareceram citavam os municípios Marianao, La Lisa, El Cerro, San Miguel del Padrón, além dos centrais Habana Vieja e Centro Habana. Este municípios eram listados como negativos de conjunto ou que possuíam determinados *barrios malos*. Em portais de notícias sobre esses municípios, não é incomum encontrar notícias que os classificam como “*una zona pobre donde algunos evitan adentrarse en medio de la noche.*”

Ao olhar para a composição social desses bairros, com exceção de La Lisa, todos estão acima da média de negros em Havana. Isso me chama a atenção, uma vez que “não brancos” (que é a categoria utilizada no Censo para marcar o conjunto de negros e mestiços/ mulatos) não são a maioria absoluta em Havana, porém, nos bairros em que negros e mestiços estão mais concentrados há um impacto na imagem do local. Estaria esta estigmatização relacionada com uma visão racista sobre os moradores que é anexada ao bairro, ou será que existe um estigma que habita esses lugares e que é transferido aos moradores?

Os cidadãos possuem suas próprias respostas para essas questões, que apareceram de formas diferentes, porém apontando para uma mesma direção durante as conversas que realizei nos bairros. Essas respostas apontam, primeiramente, para um outro entendimento sobre o que é ou não o racismo em Cuba. Segundo, que essa estigmatização não impossibilita que os moradores dos bairros ditos “malos” tenham uma profunda identificação com o bairro e o tenham como um lugar com o qual nutrem uma relação

⁵ Esses questionamentos foram resultado de breves entrevistas que realizei pela cidade com 52 pessoas de 12 municípios diferentes em Havana.

especial de afetividade. O que produz essas relações de afetividade? Como elas se relacionam com este estigma negativo?

Ao pensar uma relação dos cidadãos com os modelos coloniais de dominação, quero explorar a questão das cidades coloniais desde uma perspectiva que possibilite pensar como cidade e corpo estão relacionados no “fazer cidade”. Partindo de entender a relação entre quais lugares são perigosos ou não para se viver e uma maior ou menor presença de negras e negros nesses espaços.

Buenos, malos e a experiência negra na cidade decolonial⁶

Para pensar essas relações entre raça e espaço urbano, temos que entender que o contexto da colonização fez com que as cidades coloniais se desenvolvessem a partir de uma dicotomia racial, uma vez que os negros eram símbolo da servidão e os brancos do progresso, o que levaria algumas sociedades a praticar uma completa segregação espacial entre as diferentes etnias. Fernando Ortiz irá falar dessa relação em seu livro *contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar* (1940) no qual descreve essa relação entre o que é negro (tabaco) e o que é branco (açúcar) de maneira a relacionar não somente com o trabalho escravo envolvido em ambos os tipos de plantio, mas também da relação entre negros e brancos em Cuba. Ortiz, que foi o primeiro estudioso do que o mesmo chamaria de uma cultura afrocubana, destacava o papel fundamental que negras e negros cumpriram na construção da nação cubana.

Sem romantizar o que foi o processo de colonização cubano, uma vez que o projeto espanhol de relação entre negros e brancos produzia uma cultura de estupro das mulheres negras e indígenas, é importante destacar que esta coexistência não significou harmonia ou

⁶ Refiro-me com o termo “decolonial” ao longo do texto à teoria da colonialidade do poder (Quijano, 2005, entre outros), que destaca a continuidade, na era pós-colonial, das relações sociais hierárquicas de exploração e dominação construídas durante a expansão colonial europeia. O giro decolonial seria um movimento de desconstrução e reconstrução política e epistêmica, produzida no sul global no sentido de uma emancipação negra e indígena.

tão pouco igualdade de experiências entre negros e brancos. No caso cubano, em que existia um modelo de sociabilização entre negros e brancos, era demarcada uma desigualdade social entre eles. Desta forma, negras e negros vivenciavam uma experiência muito distinta de brancas e brancos, que era reforçada pela forma como cada um deles experimentava a cidade, seja através da circulação pela cidade, pelo papel social desempenhados por elas, o acesso aos equipamentos urbanos, etc.

Encontramos aqui características das cidades coloniais descritas por Franz Fanon, em que a cidade é pensada para produzir experiências diferentes para negros e brancos em sua obra “Os condenados da terra”, Fanon (2005, p. 55-56) irá tratar o mundo colonizado como dividido em dois, o que significará uma cidade para o colonizado e outra cidade para o colono

“[...] A cidade do colono é uma cidade farta, indolente e está sempre cheia de coisas boas. A cidade do colono é uma cidade de brancos e de estrangeiros. A cidade do colonizado, a cidade indígena, a cidade negra, o bairro árabe, é um lugar de má fama, povoado por homens também de má fama. Ali, nasce-se em qualquer lado, de qualquer maneira. Morre-se em qualquer parte e não se sabe nunca de quê. É um mundo sem intervalos, os homens estão uns sobre os outros, as cabanas dispõem-se do mesmo modo. A cidade do colonizado é uma cidade esfomeada, por falta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade agachada, de joelhos, a chafurdar. É uma cidade de negros, uma cidade de ruminantes.”

A colonização se torna uma marca do corpo e o corpo se torna, assim, o enunciado da dominação política. O processo de colonização construiu estereótipos no imaginário global, que passam do espaço para o corpo e do corpo para o espaço. A “má fama” destacada por Fanon está impressa na cidade dos colonos produz, mutuamente, corpos e espaços marcados, que segundo Fanon encarceram esses corpos marcados. Essa mútua produção entre corpo e território, faz com que, nos mapas mentais construídos pelos cidadãos, um território assimile características de um determinado grupo cultural e as pessoas residentes nestes territórios reflitam as características atribuídas ao território. Desta forma, o que está encerrado, desde uma perspectiva de corpo pensada por Frantz Fanon, dentro destes corpos negros que produz uma sensação de perigo ou de refração?

Em diversas conversas com cidadãos de diferentes bairros de Havana, pude notar que os lugares que eram destacados por eles como lugares ruins ou que deveriam ser evitados, eram, na verdade, lugares com uma maior presença negra. Desta forma, a má fama relacionada a esses lugares também incide sobre esses corpos negros. Essa marcação

produziu identidades e políticas que se combinam na criação dos territórios urbanos. Porém, em Havana estes territórios não encerraram estes corpos, mas estão fundidos neles, carregando seus estigmas, virtudes, sua moral e ética. Assim, corpo e território são vítimas das mesmas políticas de estado. Porém, entender o papel deste corpo marcado também é entender os movimentos dialéticos de resistência e assimilação perpetrados por estes corpos negros e sua experiência urbana.

A maioria dessas pessoas apontaram, entre outras coisas, que os municípios de Centro Havana, Havana Velha, La Lisa e Marianao são lugares ruins para se morar, ou como utilizam na prática “barrios malos”. Não deve ser uma coincidência esses lugares são os principais bairros com presença cultural negra na cidade. Sempre que eu perguntava aos cidadãos sobre lugares bons ou ruins para se viver⁷, bairros pertencentes a esses municípios, como Los Sitios, La Timba, Cayo Hueso, Pogolotti, El Canal, La Corea e Coco Solo, eram apontados como *barrios malos*. Ao visitar estes bairros, pude notar que eles são em sua maioria bairros mestiços, porém com uma presença negra bastante marcada. Em páginas de notícia na internet, é possível encontrar matérias que irão tratar alguns bairros como marginais. Sobre Pogolotti, bairro do município de Marianao, o periódico digital 14 y Medio escreveu: “*es apenas una zona pobre donde algunos evitan adentrarse en medio de la noche.*”⁸ Segundo o mesmo censo citado anteriormente, o Município de Marianao é o terceiro maior município de Havana em percentual de negros, sendo estes 46,8% de seus moradores, estando atrás apenas de Centro Habana e Habana Vieja (com 52% e 53%, respectivamente).

Aqui retomo minha conversa com Lázaro. Para ele, sua experiência urbana estava “presa”, simbolicamente, à em não ter acesso ao hotel Habana Livre. Aqui temos uma diferença da cidade colonial pensada por Fanon (2005), uma vez que não há um aparato militar limitando esse acesso. Porém, encontramos aqui uma outra forma de limitação, que no caso cubano está relacionado com uma discriminação social e racial. O que afasta Lázaro de concretizar seu “sonho de liberdade” são as condições econômicas em que Cuba está inserida, uma vez que as políticas econômicas defendidas pelo governo de Miguel Díaz-Canel e herdada das gestões de Raúl e Fidel Castro atreladas com o embargo

7 Esses questionamentos são parte de breves entrevistas que realizei pela cidade com 52 pessoas de 12 municípios diferentes em Havana.

8 https://www.14ymedio.com/reportajes/Pogolotti-barrio-obrero-desahuciado_0_1825617441.html

econômico imposto pelos Estados Unidos desde 1962, prejudicam a vida da população cubana de conjunto. Porém, essa precarização da vida não é sentida por todos da mesma maneira.

A proposta de mudança social prometida na Revolução de 1959 não conseguiu igualar as experiências de negros e brancos com relação ao acesso às oportunidades. Segundo Tomás Fernandes Robaina (2012), o governo cubano demorou mais de uma década para perceber que sua estrutura de poder era excludente para mulheres e pessoas negras, que estavam sub-representadas nos espaços de poder do Governo. Apesar do governo ter tomado medidas para mitigar esses impactos, a ausência de uma política efetiva de igualdade racial, social e de gênero manteve uma enorme desigualdade nessa distribuição. A antropóloga Bárbara Oliveira Souza (2016), em seu estudo sobre o ativismo *afrocubano* e as dinâmicas das relações raciais atuais em Cuba, dá destaque para a composição dos principais cargos de poder até o ano de 2016. Neste estudo, podemos notar que entre os membros do primeiro escalão do Partido Comunista de Cuba, que compõem o *bureau* político do comitê central, existem apenas 2 homens negros, uma mulher mestiça e um homem mestiço, enquanto os demais 10 cargos são ocupados por homens brancos.

Para Fanon (2005), este é uma clara indicação de que o processo de colonização não se encerrou. Apesar da época colonial ter sido superada, o modelo implementado tanto pelos primeiros governos cubanos quanto após a revolução manteve uma lógica colonialista. Ativista dos direitos humanos, a cubana Maria Ileana Faguagua, cravou em uma entrevista durante sua passagem pelo Brasil em 2016: “Não podemos ser verdadeiramente revolucionários se somos racistas. Se ainda utilizamos métodos de colonização”. Para a ativista, que à época estava a três anos no Brasil, disse haver uma contradição entre como o governo lidava oficialmente com o racismo na ilha e como este era sentido pela população, em especial para as mulheres negras. Para ela, o acesso ao ensino superior, facilitado após a Revolução Cubana de 1959, não evitou que, com a chegada da crise econômica dos anos 1990, as mulheres negras tivessem que voltar a faxinar a casa de mulheres brancas com nível inferior de escolaridade. Assim como Lázaro, Maria Ileana aponta para uma persistente desigualdade em Havana.

Em uma sociedade que alega ter extinguido o racismo, esse tipo de inversão não deveria ocorrer. As desigualdades sociais, que carregam uma base de desigualdade racial,

fortalece a construção de experiências distintas entre negros e brancos em Havana. Os cidadãos não brancos estão sempre em uma posição de maior vulnerabilidade em relação aos cidadãos brancos. Nestas “cidades dentro da cidade” encontramos indícios de que a forma de pensar colonial ainda persiste em Havana, o que faz com que um modelo de cidade se sobreponha a outro, produzindo assim as desigualdades. Uma real mudança nesse quadro apenas será possível quando toda a estrutura social puder ser repensada, em um processo de descolonização, que para Aníbal Quijano (2007) deve superar a colonialidade do poder, caso contrário, as experiências sociais na cidade seguirão sendo desiguais. Porém, como cada experiência urbana pode ser pensada a partir dessas cidades?

Experiência urbana, topofobia e topofilia

Ao pensarmos as cidades divididas em cidades de colonos e de colonizados, devemos entender que, diferente do momento colonial ou de experiência em cidades segregadas, negros e brancos dividem os mesmos espaços em Havana. Porém, esta convivência não significa que negros e brancos irão compartilhar das mesmas experiências urbanas. Importante entender que, apesar de no imaginário comum a visão de Cuba como uma ilha majoritariamente negra, essa visão não dialoga com o último censo demográfico. Cerca de 65% da população cubana se reivindica branca, proporção muito próxima da divisão demográfica encontrada em Havana. Porém, minha experiência no território foi muito diferente, pois me senti em um espaço muito mais negro do que essa proporção. A partir disso, busquei entender como essas interações se dão a partir de experiências nos territórios apontados pelos cidadãos como bons ou ruins, e percebi que muitos dos lugares apontados como “ruins” eram bairros ou municípios reconhecidos por possuírem uma maioria negra quando comparados aos demais bairros.

Mesmo com essas diferentes experiências espaciais, foi algo comum escutar dos cidadãos cubanos, negros e brancos, que não há racismo na ilha. Uma das principais justificativas que me foram dadas foi a ausência de uma separação espacial de negros e brancos na cidade. Porém, os negros e mestiços estão, em sua maioria, alocados em bairros com uma infraestrutura mais precária, enquanto os bairros com melhores condições urbanísticas possuem uma menor quantidade de pessoas não brancas. Podemos imaginar que a configuração dessas desigualdades indica uma dinâmica social muito mais complexa.

Vera Lúcia Benedito (2013), doutora em sociologia que estuda os territórios negros em São Paulo, destaca que não é na busca por números absolutos que iremos entender esse metabolismo social. Quando pensamos em territórios, em especial territórios negros, devemos entender que são as construções simbólicas, para além da densidade demográfica, que irão conceder a determinado espaço sua marcação racial. Desta maneira, não se pode ignorar que nos chamados *barrios malos* existe uma alta concentração de equipamentos culturais negros e que isso influencia na formação dessa territorialização. Enquanto esses equipamentos podem ser entendidos como parte de uma resistência, também impactam nos mapas mentais formados sobre esses territórios, aos quais serão atribuídas características negativas, relacionadas ao racismo estrutural, apontado por autores como Mark Sawyer e Tomás Robaina.

Aqui é importante destacar que esses elementos de cultura afrocubana são chamados assim por que, para Ortiz (1940a), a relação entre negros vindos de diferentes regiões da África, dos brancos espanhóis e indígenas locais, produziu uma cultura propriamente cubana. Em um processo que modifica cada uma dessas culturas para criar esse novo, processo que Ortiz chamará de transculturação, está também arrolado uma dinâmica de identidade local. Para Ortiz, este é um processo conflituoso e contínuo, pelo qual toda cultura passou. Para ele as culturas então em constante processo de transculturação.

A cultura afrocubana se torna, assim, uma cultura com enraizamento nacional, apesar de ser usualmente relacionado com negros e mestiços. Não podemos, no entanto, confundir a transculturação com mestiçagem. Aqui, não há uma valorização das relações inter-raciais como elemento fundamental para que essa transculturação ocorra, apesar de este elemento também estar relacionado com esse processo. É esse aspecto cultural é destacadamente encontrado nos bairros entendidos como “*malos*”.

O estudo das experiências vividas nas cidades é parte imprescindível dos estudos da antropologia urbana, que tem como foco um olhar sobre um outro próximo. Autores como José Guilherme Magnani e Gilberto Velho irão pensar esse olhar da antropologia como uma possibilidade de análise das sociedades complexas ou sociedades de grande escala (Magnani, 2016). Dentro destas análises é possível encontrar a formação de redes de relações compostas por complexas tramas sociais, que produzem e são produzidas pela

cidade. Esse “fazer cidade” envolve as distintas interações entre os diferentes grupos de cidadãos presentes em um espaço urbano, que vivenciam e produzem cidades que serão vivenciadas de diferentes maneiras.

Essas diferentes experiências são acarretadas pelo prisma dos marcadores sociais da diferença, que podem ser traduzidos como gênero, raça, classe social, orientação sexual, nacionalidade, etc. Todos esses marcadores estão intrinsicamente ligados a um conceito de materialidade, ou seja, de corporeidade. O corpo é um instrumento que está em relação com o mundo e desta maneira contribui para o “fazer cidade” e também é produzido por ele. Para pensar essa relação entre corpo e cidade e pensar um etnografia a partir desta relação, utilizarei a categoria corpografia, que é o olhar etnográfico a partir das experiências produzidas por um corpo em um determinado espaço. Para Silvana Nascimento (2016), que traz para a antropologia o debate feito por Paola Jacques e Fabiana Brito de corpografia enquanto “sentir a cidade por meio de intervenções e performances estéticas e artísticas que provocam, rechaçam, questionam a espetacularização das metrópoles contemporâneas.”, corpografia poder ser um novo método de pesquisa etnográfica, que pensa a vivência na cidade a partir de sua relação com o corpo.

Silvana, aproxima deste debate o conceito de corporeidade, em que o corpo não é um objeto desvinculado da cultura, mas sim é portadora da cultura, sendo assim moldada pela cultura e se tornando símbolo da mesma. A partir desse olhar, quero pensar como essa relação entre corpos negros e brancos em Havana geram as diferentes percepções da cidade e desta maneira contribuem para a formação de espaços marcados racialmente, a partir das experiências vividas em Havana. Essa relação com as sensações me remete a uma conversa com uma amiga, que não era local, mas sim uma visitante como eu.

Lauren, estadunidense que estava em um intercâmbio na cidade de Havana durante meu período de visita na ilha, e estava hospedada na mesma casa que eu, disse mais de uma vez que “admirava a forma como eu saía todos os dias para andar pela cidade, independente do horário”. Ao questioná-la sobre isso, me disse que não se sentia “confortável” em andar pelas ruas da cidade, em especial as de Centro Habana e Habana Vieja, pois lhe transmitiam uma enorme sensação de insegurança. Ela, uma mulher branca de cerca de 23 anos, tendo morado em países como França, Portugal e Espanha, e viajada para Colômbia, México e Peru, não se sentia segura no segundo país mais seguro das

Américas segundo a ONU⁹, é como se seu corpo repelisse esses lugares, não os acessasse. Para mim, transitar nesses lugares trazia uma sensação familiar, como o de caminhar pelas ruas do meu próprio bairro de origem.

Aqui, as sensações dos cidadãos sobre determinados bairros emerge com muita força. Quando perguntado sobre o que fazia dos bairros lugares bons ou ruins para se morar, muitos cidadãos utilizavam sentimentos e sensações para expressar suas escolhas. Afeto, segurança, confiança, memória, amizade, medo, aversão, conforto, proteção, familiaridade, repulsa, ansiedade, ameaça, insegurança, estranhamento. Essas são algumas das palavras escolhidas pelos cidadãos para explicar lugares bons ou ruins para se morar em Havana. Apesar de aparecerem coisas relacionadas a criminalidade,

Esses relatos mostram que existe essa diferença entre as percepções das experiências vividas por cada cidadão, por cada corpo pela cidade. Uma análise das experiências dos cidadãos, auxilia no entendimento de como se relacionam esses sentimentos de afeição ou de depreciação sobre o bairro. Nesta direção se faz importante verificar se existe um componente racial vinculado tanto com o sentimento de orgulho quanto com o de desprezo. Para isso, olho para essa questão desde a perspectiva do geógrafo Yu-Fu Tuan (2012) que agrega os conceitos de Topofilia e Topofobia.

Para o autor, as relações topofílicas são aquelas carregadas de afetividade, que irão produzir percepções positivas sobre um determinado lugar. Já as relações topofóbicas são aquelas carregadas de rejeição e repulsa, relacionadas com percepções negativas atreladas ao espaço. Seguindo esta perspectiva teórica, pensar como atração e refração ajudam a moldar a identidade do bairro e contribuem em um fazer cidade através dessas experiências.

Esses tipos de estudo também encontram espaço na geografia humanista, que tem como principal nome o geógrafo Yi-Fu Tuan. Em seu livro chamado “Espaço e lugar: A perspectiva da experiência”, o autor estabelece um diálogo interdisciplinar com, entre outras áreas, a antropologia, ao pensar as relações estabelecidas nos lugares a partir de como essas experiências se configuram. Para Tuan (2012), as experiências e os sentidos

⁹ <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/drogas/relatorio-mundial-sobre-drogas.html>. Consultado em 27 de abril de 2019.

moldam o lugar e são moldadas por ele, em um processo que podemos entender como produtor de um lugar e desta forma, de uma cidade, que passa pelos sentimentos e entendimentos sobre um lugar.

As diferentes experiências vividas em uma mesma cidade são produzidas pelo prisma dos marcadores sociais da diferença, que podem ser traduzidos como gênero, raça, classe social, orientação sexual, nacionalidade, etc. Todos esses marcadores estão intrinsecamente ligados a um conceito de materialidade, ou seja, de corporeidade. O corpo é um instrumento que está em relação com o mundo e desta maneira contribui para o “fazer cidade” e também é produzido por ele. Yi-Fu Tuan (2012) também irá estudar as experiências corporais, pensadas a partir dos 5 sentidos, as relacionando com as sensações de pertencimento ou exclusão, que são produzidos através das experiências em um espaço. Para Tuan, existe uma relação direta entre como nosso corpo experimenta um espaço e a produção do mesmo enquanto um lugar. Corpo e espaço estão, assim, ligados.

Esse ambiente multirracial produz duas distintas experiências na cidade. Ao falar com moradores dos municípios considerados bons para se viver, pude perceber que eles ao mesmo tempo que desenvolvem um sentimento topofóbico com relação aos demais bairros, não desenvolvem um forte sentimento de pertencimento ao bairro em que moram. Camilo, um jovem branco e morador de um dos municípios entendidos como bons para se morar, queria muito se mudar para outro lugar, ao mesmo tempo em que considerava os moradores de La Lisa e Marianao como “escória”. Para ele, o lugar ideal seria em um bairro com fácil acesso ao mar, a serviços e casas maiores, e “o mais longe possível de bairros populares e aonde vive a escória” uma moça chamada Lezea, branca e mais velha, que estava ao lado dele, completou “Essa gente que forma *mal* ambiente, que são humildes e ignorantes, com baixo grau de educação. Que são pessoas ruins”. Relatos assim foram comuns nos bairros mais ricos.

Em contrapartida, os moradores de municípios vistos como ruins, como Centro Habana, La Lisa, Habana Vieja, Marianao e El Cerro, possuem uma forte identificação com o bairro, mesmo identificando os problemas e fragilidades do lugar em que vivem, em sua maioria não querem se mudar de lá. Ao ouvir como cada um tinha lembranças com relação ao bairro, como enfatizavam as relações eu havia construído durante os anos, me recordei da fala de uma interlocutora, Nancy, mulher negra de cerca de 60 anos, moradora

de Centro Habana. Ela me disse que não possuía nenhum interesse em mudar de bairro, porém caso mudasse, seria para Habana Vieja, Marianao ou Regla, uma vez que não se via morando em grandes centros turísticos. Em sua visão, o que a atraía para estes lugares era a possibilidade de seguir com o modo de vida que possuía em seu bairro. O fato de poder ficar com as portas abertas, visitar os vizinhos quando quisesse, e poder compartilhar sua vida com a de seus vizinhos lhe dava uma sensação de comunidade.

Para ela, viver em bairros como Miramar (do município de Playa) ou Almendares (do município de Plaza de la Revolución) lhe traria desgosto: “eu não gostaria de viver em um lugar em que todas as pessoas vivem de portas fechadas, com medo uma das outras. É triste.” Playa é o município de Havana com a maior concentração de pessoas brancas (66,6%)¹⁰, com uma concentração de auto declarados negros de 12%, a quarta menor de Havana. Aqui identifico que essa sensação de pertencimento está muito relacionada com uma experiência urbana que congregue uma experiência de vida positiva nos bairros aliado com uma sensação corporal positiva. O corpo responde aos estímulos do ambiente.

Se no caso de Lázaro, negros e negras se sentem trancados para fora dos espaços, para Nancy, brancas e brancos se encontram trancados para dentro. Quando a questão do acesso surge nas falas de Lázaro e Nancy, mostram diferentes formas de se sentir o bairro. Nos casos de Camilo e Lezea, há também uma outra relação com o bairro. Ambas partem de lugares distintos para falar das mesma coisa: as experiências nos locais envolvem uma relação subjetiva com eles. Essa relação envolve trabalhar uma gama de sentimentos que estão colados com uma personificação dos lugares. Assim, no imaginário, pessoas e lugares são indissociáveis, uma vez que um transmite ao outro suas características.

¹⁰ Censo 2012.

Conclusão

Ao se pensar o corpo como ponto inicial das experiências, surge o questionamento se essas sensações são diferentes para brancos e negros e mestiços. Quero explicitar que esse ensaio visa pensar como uma experiência urbana pode ser diferente se o interlocutor é uma pessoa branca ou não branca. Como parte de um enunciado, o corpo tem um significado externo (o que comunica ao mundo), mas também um significado interno (o que sinto a partir dele). Essas sensações podem se diferenciar a partir dos marcadores sociais da diferença, como raça, gênero, sexualidade, nacionalidade, etc.

Para que seja possível pensar uma etnografia do corpo, se faz necessária uma pesquisa que aborde, não apenas a composição visível do sujeito cidadão (no que pese as questões biológicas inicialmente identificadas), mas também suas trajetórias, a fim de identificar como se configuram cada uma dessas experiências corporais. Desta forma, corpo e experiência urbana se relacionam de maneira intrínseca, uma vez que é a partir do corpo que a relação com o ambiente externo é consolidada. Ao pensar isso, se mostra inovadora a perspectiva da corpografia, uma vez que permite olhar para corpo e experiência urbana de um mesmo prisma, que se complementam e se inter-relacionam.

Este trabalho apresentou, então, uma breve análise das experiências urbanas encontradas em alguns bairros de Havana, a partir de entender como as categorias topofilia topofobia são experimentadas pelos cidadãos. Esta sensação está relacionada com como cada um se vê incluído o apartado de um determinado local, e como esse sentimento é recebido. Assim, conseguimos ver que os sentimentos de topofilia e topofobia estão relacionados não apenas com as experiências de vida positivas ou negativas vividas pelos cidadãos, mas também em como seu corpo sente essa relação com o espaço. Partindo de um método corpográfico, visei entender quais corpos se sentiam confortáveis em espaços entendidos como perigosos ou desconfortáveis, ou como é utilizado na categoria da prática, *barrios malos*.

Sentimentos como conforto, segurança, proteção, familiaridade, medo, repulsa, ansiedade, ameaça, insegurança, estranhamento estão relacionados questões subjetivas e não objetivas, como pode ser percebido nos relatos dos moradores dos bairros de Havana. Esses bairros, entendidos como ruins, são os bairros que concentram uma maior quantidade de pessoas negras ou mestiças, mesmo sendo em sua bairros demograficamente brancos

em sua maioria. Assim, podemos entender que os bairros com uma maior concentração de pessoas não brancas são entendidos como bairros perigosos.

Aqui, podemos notar a existência de um corpo “não marcado” que tenta produzir uma sensação de neutralidade frente os demais corpos. Os corpos tidos como brancos são relacionados com uma neutralidade espacial. Não existe um lugar marcado racialmente como branco pois eles estão em “todos os lugares” possuindo, assim, livre acesso à cidade. Essa liberdade, no entanto, está muito relacionada com a possibilidade de acesso a determinados espaços do que a uma efetiva possibilidade, uma vez que o a desigualdade social assola grupos brancos, negros e mestiços em Cuba, porém com maior intensidade sobre esses dois últimos.

O fator multirracial da cidade, a permissão de relações inter-raciais e a comum convivência nos espaços urbanos (mais acentuada nos espaços mais pobres) faz com que essas tensões sejam borradas, dando força a um discurso de igualdade que é propagandeado pelo governo cubano. Há, também, uma ausência de negros nos espaços simbólicos, como nos principais cargos do partido e do governo, o que fortalece a discurso de Lázaro sobre cuba não se permitir ter uma “cara negra”.

Neste sentido, a descolonização pensada por Fanon (2008) e sistematizada por Aníbal Quijano (2007) auxilia no pensar uma nova relação com a cidade e, quiça, com a própria antropologia. Nos permitir ser provocados por novos modos de fazer etnografia é um passo precioso para se pensar uma descolonização de métodos, uma vez que a própria disciplina está intimamente ligada, em sua origem, com o poder colonial, tendo servido de ferramenta para este.

Ao “*sentir* a cidade, ao invés de *ver* a cidade” (Nascimento, 2016 p.8), nos permitirmos olhar para além das categorias analíticas utilizadas na antropologia. Pensar como as cidades influenciam nos efetivamente na formação dos cidadãos é essencial para desenvolver uma antropologia dos sentidos, que se permita investigar como se sentem os cidadãos face as cidades, e não apenas na cidade. Esta nova forma de “fazer cidade” também é uma forma de “fazer os cidadãos”. Pensar como sentimentos de aproximação e repulsa são movimentados na formação dos mapas mentais se torna um novo desafio antropológico, que começa com o se deixar ver a cidade com outros sentidos e não apenas a visão.

Referências bibliográficas

- AGIER, Michel. Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011.
- ALLEN, Jafari. ¿Venceremos? The Erotics of Black Self-Making in Cuba. 2011.
- BENEDITO, Vera Lúcia. In: OLIVEIRA, Reinaldo José de (Org.). A cidade e o negro no Brasil: cidadania e território. São Paulo: Ed. Alameda, 2013.
- CÁRDENAS, Eliana. Historiografía e Identidad em la Arquitectura Cubana. La Habana: Ediciones Unión, 2015.
- DE LA FUENTE, Alejandro. A Nation for All: Race, Inequality, and Politics in Twentieth-Century Cuba. 2001.
- FAGUAGA, Maria Ileana. Entrevista publicada em 29 de Julho de 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/07/29/maria-ileana-faguaga-sou-uma-mulher-negra-afrocubana-e-consciente> Acessada em 09/09/2018.
- FANON, Frantz. Os condenados da terra. 1ª. Edição 1961. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- FERNÁNDEZ, Nadine. Revolutionizing Romance: Interracial Couples in Contemporary Cuba. 2010.
- FRÚGOLI JR, Heitor. Sociabilidade Urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- _____. “O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia” In: Revista de Antropologia, 48 (1), p.133-165, 2005.
- GONÇALVES, João Felipe. 2015. “Martí versus Martí: Nacionalismo e hegemonia em Havana e Miami”. *Novos Estudos CEBRAP* 102: 69-87.
- _____. 2017. “Revolução, voltas e reveses: Temporalidade e poder em Cuba”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 32 (93): e329305.

MAGNANI, José Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Publicado originalmente na Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 17, n. 49 - São Paulo, junho de 2002.

_____. “Quando o campo é a cidade”. In: Magnani, José Guilherme C. & Torres, Lilian de Lucca (Orgs.). *Na Metr6pole - Textos de Antropologia Urbana*. EDUSP, São Paulo, 1996.

MARTÍ, José. “Mi raza”. *Patria*: New York, 1893.

NASCIMENTO, Silvana. A cidade no corpo: Diálogos entre corpografia e etnografia. Revista Ponto Urbe « A cidade no corpo », Ponto Urbe [Online], nº19 | 2016, consultado em 24 de abril 2019. <http://pontourbe.revues.org/3316> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3316

OLIVEIRA, Reinaldo José de. A cidade e o negro no Brasil: cidadania e território. São Paulo: Ed. Alameda, 2013.

ORTIZ, Fernando. “Los factores humanos de la cubanidad”. 1940a.

_____. Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azúcar. 1940b.

PARK. Robert Ezra. “A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano” (1967 [1925]) In: Velho, Otávio Guilherme (Org.) O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

_____. “Magic, Mentality and city life” (1967 [1925]) In: Velho, Otávio Guilherme (Org.) O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

PRIETO, Rodrigo Espina, e RUIZ, Pablo Rodríguez. “Raza y desigualdad en la Cuba actual”. 2006.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires, Colección Sur Sur, 2005a, pp.118-142.

_____. Colonialidade, Poder, Globalização e Democracia. Revista Novos Rumos. v.17, n.37, 2012, pp. 04-28.

_____. Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. 1a ed. Apresentação de Danilo Assis Clímaco. Tradução de Danilo Assis Clímaco. Buenos Aires, CLACSO. 2014.

_____. Des/Colonialidad Del Poder: El Horizonte Alternativo. Observatorio latino americano de Geopolítica. Lima, 2007, pp. 1-5.

ROBAINA, Tomás Fernández. Identidad Afrocubana: Cultura y Nacionalidad. 2009.

_____. El negro en Cuba, 1902-1958: apuntes para la historia de la lucha contra la discriminación racial. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1990.

_____. El negro en Cuba: Colonia, República, Revolución. Ediciones Cubanas Artex. La Habana: 2012.

ROMAY, Zuleica. Elogio de la altea o las paradojas de la racialidad. Casa de las américas: La Habana, 2014.

RUIZ, Pablo Rodríguez. “El llega y pón, un estudio de caso: Familia, uniones matrimoniales y sexualidad en la pobreza y la marginalidad”. 2006.

RUIZ, Pablo Rodríguez. “Espacios y contextos del debate racial actual en Cuba”. 2008.

SAWYER, Mark Q. Racial Politics in Post-Revolutionary Cuba. 2006.

SCOTT, Rebecca. Emancipação Escrava em Cuba. Editora Paz e Terra. 2ªEd. Rio de Janeiro: 1991.

SIMMEL, Georg. “As grandes cidades e a vida do espírito.” Mana 11 (2) p. 577-591. (2005 [1903])

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 2012.

VELHO, Gilberto. A utopia urbana: um estudo de antropologia social. 1989.